



FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ENFOQUE NO LETRAMENTO DIGITAL

Vol. 3 nº 5 jan./jun. 2008

p. 167-173

Greice da Silva Castela¹
Unioeste / Cascavel

RESUMO: Este artigo discute o duplo desafio dos profissionais da educação com relação ao letramento digital, visto que, por um lado, necessitam ampliar seu próprio letramento digital e, por outro, encontrar uma abordagem pedagógica para poder desenvolver plenamente o letramento de seus alunos. Atualmente, por um lado, há a necessidade de mudar a realidade de que, mesmo os colégios e professores que possuem acesso à Internet, fazem pouco ou nenhum uso das máquinas disponíveis no ambiente escolar e, por outro, de oferecer aos aprendizes condições de participar efetivamente da realidade digital, a qual encontra-se inserida em nossa sociedade. No entanto, as universidades continuam à margem de uma formação docente que contemple a capacitação de profissionais, como os da área de Letras, para manusear e explorar didaticamente os recursos do computador e da Internet no ensino de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento digital; Formação docente; Ensino de línguas estrangeiras.

EDUCATION AND PERFORMANCE OF THE FOREIGN LANGUAGE TEACHER: AN APPROACH IN DIGITAL LITERACY

ABSTRACT: This article discusses the double challenge of the professionals in education vis-à-vis digital literacy, once, on the one hand, they need to enlarge their own digital literacy, and on the other hand, find a pedagogical approach to develop their students' literacy. Nowadays there is a necessity of changing the reality that even schools and teachers that have access to the Internet almost do not use the tools they have in the school environment and, from another point of view, offer conditions to the students to effectively take part in the digital reality in which our society lives. Even so, the universities remain distant in order to teaching education which contemplates the development of professionals, such as the ones in higher education Language Courses, in order to didactically use and exploit computer and Internet resources in the teaching of foreign languages.

KEYWORDS: Digital literacy; Teaching education; Teaching of foreign languages.

I. INTRODUÇÃO

Com o suporte informatizado, surge o *letramento digital*, *ciberletramento* ou *letramento eletrônico*, que possibilita a prática social da leitura e da escrita, mediadas eletronicamente (BUZATO, 2001).

O desenvolvimento do letramento digital constitui uma demanda da sociedade, a cada dia mais dependente de máquinas eletrônicas e inovações tecnológicas, originadas a partir de necessidades sociais constatadas. No entanto, a adoção de novas tecnologias de informação e comunicação no contexto escolar implica a criação e a difusão de práticas pedagógicas pensadas para a inclusão digital, no sentido de capacitar o aprendiz para as práticas cotidianas de letramento nos gêneros digitais.

Ao longo desse trabalho, discutimos o papel desempenhado pelo docente, pelo aluno e pelo suporte na perspectiva de um novo paradigma da educação. Além disso, refletimos sobre o letramento digital na formação e prática docente. Dessa maneira, este artigo discute tanto o letramento digital como o desafio que este implica para a educação, visto que os docentes, necessitam, por um lado, ampliar seu próprio letramento digital e, por outro, encontrar uma abordagem pedagógica que contribua para o pleno desenvolvimento do letramento dos aprendizes.

2. O PAPEL DOCENTE NO NOVO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO

O uso de equipamentos informáticos na sala de aula, muitas vezes, reproduz práticas tradicionais de ensino, disfarçadas de modernas, quando, na realidade, seguem essencialmente iguais, visto que o docente subaproveita as possibilidades que o computador lhe oferece, por não ter sido capacitado, durante sua formação, para utilizá-lo com fins pedagógicos, e o aluno não exerce um papel ativo de quem constrói o conhecimento e analisa criticamente as informações. Portanto, não se estabelece um novo paradigma de ensino, embora o computador esteja presente.

Atualmente, o professor não é mais o único elo entre o aluno e o conhecimento, visto que pode ser adquirido também por meio da tecnologia. Neste processo, a figura do docente ainda é fundamental. O que ocorre é que o professor abandona o papel de transmissor da informação e passa a auxiliar a aprendizagem, encaminhando o aprendiz para que este desenvolva habilidades, apropriando, assim, o conhecimento.

Souza (2000, p. 52) sugere que, com a inserção da Internet como recurso nas aulas de língua, o docente abandone o papel de detentor do conhecimento para guiar o aprendiz na busca e construção do conhecimento: “seu discurso será não mais o da distância hierárquica, mas o da proximidade norteadora. Ele assumirá o papel de bússola informacional, preparando o plano de vôo de seus alunos pela vastidão de informações e possibilidade da grande rede”.

Mas para que isso ocorra, o docente necessita atualizar-se constantemente e seguir quatro estágios de preparação (SOUZA, 2000):

1º) Planejamento: abarca tanto o planejamento didático do curso/disciplina como os recursos disponíveis na Internet para ensino/ aprendizagem dos conteúdos previstos;

2º) Filtragem Crítica: consiste na seleção dos sites relevantes para as atividades propostas;

3º) Pós-produção: reflexão sobre como será utilizado o material coletado (*on-line* ou *off-line*; como alcançar os objetivos propostos para a atividade);

4º) Inversão de ensaio: se a proposta é trabalhar com textos on-line, o professor deve assumir o papel do aprendiz e navegar para realizar as atividades pensadas, pois, dessa forma, poderá localizar possíveis dificuldades, trabalhar melhor os conteúdos e repensar sua prática pedagógica.

Ramal (2002) delinea a figura docente que consegue inserir o uso do computador nas práticas pedagógicas de construção coletiva do conhecimento como a de um “arquiteto cognitivo” que, aos poucos, modifica as práticas escolares tradicionais.

Ao atuar como “bússola informacional” (SOUZA, 2000) e “arquiteto cognitivo” (RAMAL, 2002), o professor não aborda o conhecimento de forma fragmentária, mas auxilia o aluno a adquirir visão crítica para que desenvolva autonomia.

A fim de garantir aprendizagens mais significativas, consideramos que não basta que o aprendiz navegue pelo hipertexto digital. É fundamental que seja acionado seu hipertexto mental, de modo que se estabeleçam relações entre o que acaba de ser lido e os conhecimentos prévios do leitor-navegador.

Se a desorientação e a sobrecarga cognitiva, os dois principais problemas associados ao hipertexto/hipermídia, tendem a aumentar quando se confere total liberdade de navegação ao aprendiz, por outra parte, “um controle rígido do programa sobre as decisões do usuário também pode apresentar desvantagens, como a perda de motivação e ações mecanizadas e obrigatórias por parte do usuário, limitando sua reflexão e liberdade de escolha no processo de aprendizagem” (GUERRA, 2000, p.75).

Cabe ao professor estabelecer uma rede de conhecimentos/informações para a navegação do aluno, considerando os conteúdos programados para o curso, o grupo de aprendizes e as páginas da *Internet* que podem contribuir para o processo de aprendizagem. É necessário que o docente consiga determinar, de antemão, os objetivos que podem ser alcançados com o uso do computador, nessa aula, e os *sites* e *links* que podem auxiliar na compreensão do texto acessado pelo aprendiz. Nesse processo, o docente pode motivar a construção ativa do conhecimento e da compreensão por parte do aluno, ao fornecer as ferramentas que podem auxiliá-lo durante a navegação e promover o diálogo e a polifonia na aula, ou reproduzir a tradicional transmissão de informação no ambiente digital, ao não abrir espaço para o diálogo e para a leitura de links que, embora relacionados ao assunto, não foram programados para a aula.

Dessa maneira, o docente não constrói uma rota, mas uma autêntica rede: “Ele define um conjunto de territórios a explorar. E a aprendizagem se dá na exploração – ter a experiência (Kapelian) – realizada pelos alunos e não a partir da sua récita, do seu falar/ditar” (SILVA, 2002, p.73).

Além disso, é relevante que se explicita, ao aprendiz, o motivo de ter que aprender cada novo conhecimento e/ou informação e/ou realizar determinada tarefa, associando tudo isso à sua prática cotidiana, de modo que os novos conhecimentos e as habilidades aprendidas não sejam apenas memorizados, mas de fato incorporados às práticas de letramento dos sujeitos.

3. O PAPEL DO ALUNO NO NOVO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO

Nesta perspectiva, o papel do aluno, durante a leitura de hipertextos eletrônicos, não pode restringir-se ao de um internauta passivo, pelo contrário, é necessário que ele interaja e, neste espaço de múltiplas vozes, possa expressar suas experiências, opiniões e idéias e, ao partilhar informações e dialogar com outras pessoas, também aprender a ouvir, a respeitar e a analisar, com senso crítico, a voz do outro.

Numa postura ativa e crítica, o aluno deverá “aprender a aprender”. Além de atualizar-se permanentemente, o aprendiz tem que ser capaz de saber onde e como selecionar a informação. Ele é o responsável por buscar a informação, analisá-la e transformá-la em conhecimento. Dessa maneira, capacita-se o sujeito para lidar, de forma autônoma e crítica, com a grande quantidade de informações e novos conhecimentos que surgem incessantemente na sociedade atual.

No novo paradigma para a educação, a ênfase passa do ensino (instrução) para a aprendizagem, de objetivos informativos para os formativos, da reprodução para a construção do conhecimento e da passividade do aprendiz para sua posição ativa neste processo de aprendizagem.

Desloca-se, portanto, também o papel do aprendiz, que passa de receptor passivo para construtor de conhecimento, rompendo a circularidade e o autoritarismo do discurso pedagógico (ORLANDI, 1994).

4. O PAPEL DO COMPUTADOR E DA INTERNET NO NOVO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO

O docente deve ter consciência de que a implementação do computador no âmbito escolar depende, sobretudo, de sua atuação que garantirá, ou não, o êxito das novas tecnologias no ambiente educacional (GUERRA, 2000).

Para implementação de novas tecnologias, incluindo a Internet, no ambiente escolar, é necessário (SOUZA, 2000):

1º) conscientização da administração da instituição escolar sobre as possibilidades da Internet no ensino de línguas;

2º) convencimento dos professores de que o uso dos recursos da Internet pode contribuir para o ensino. Esse convencimento pode ocorrer por meio, por exemplo, de treinamentos teóricos e práticos. “Esse treinamento de apresentação pode ser feito através de workshops, que podem gerar, como produtos finais, projetos experimentais ainda no âmbito docente” (p.48-9);

3º) implementação de projetos experimentais pelo professor nas turmas em que leciona;

4º) inclusão de atividades que utilizam o computador como parte integrante do programa curricular;

5º) atualização permanente da relação Internet-curriculo. Como uma extensão do que se espera que o docente já faça em sua prática, essa atualização consiste em não apenas repetir atividades para uma mesma série, mas repensar o curso e rever as

atividades planejadas cada vez que for ministrá-lo. Dessa maneira, podemos afirmar que o professor verificará a atualidade dos textos selecionados, não será surpreendido se uma página não estiver mais disponível na rede e reajustará as atividades para atender aos objetivos, necessidades e expectativas de cada grupo de alunos.

5. O LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

Segundo Valente & Almeida (1997), a formação docente deve propiciar condições para que o profissional: (a) saiba manusear o computador; (b) compreenda o motivo de integrá-lo em sua prática pedagógica e a maneira de fazê-lo; (c) consiga ultrapassar empecilhos administrativos e pedagógicos e (d) seja capaz de recontextualizar sua aprendizagem e experiência vivida ao longo de sua formação, para a realidade da sala de aula, considerando tanto a necessidade dos aprendizes como os objetivos pedagógicos esperados.

No entanto, as universidades continuam à margem de uma formação docente que contemple a capacitação de profissionais, como os da área de Letras, para manusear e explorar didaticamente os recursos do computador e da Internet no ensino de línguas.

Nos colégios públicos que já dispõem de um laboratório de informática, muitas vezes os professores não o utilizam por não estarem capacitados nem para o manuseio deste suporte, nem para seu uso com finalidades pedagógicas. Como ressalta Guerra (2000, p. 85), há a necessidade de “uma visão mais ampla que situe a tecnologia da informação no contexto educacional e que faça do professor um conhecedor da sua responsabilidade como agente transformador”.

A resistência dos docentes com relação ao uso do computador está relacionada a fatores, levantados por Ramal (2002), como insegurança; receio de danificar equipamentos caros; a diferença entre a situação socioeconômicas do docente e as condições da instituição escolar e dos aprendizes; preconceitos relacionados à associação entre uso do computador e sociedade de consumo e a exclusão provocada pela globalização; a visão da tecnologia como subversora dos modelos da educação tradicional; receio da multidisciplinaridade e, por fim, a acomodação pessoal e profissional.

A investigação de Buzato (2001) revela que o par mais competente pode desempenhar um papel muito relevante na aquisição do letramento digital por parte de um docente com atitude tecnofóbica. Da mesma forma, pode-se pensar na importância do professor letrado eletronicamente atuar como par mais competente junto a seus alunos e colegas.

Os docentes tendem a ensinar como foram ensinados, daí que “uma das razões para essa resistência por parte dos professores pode ser explicada pelo fato de a maioria ter completado seu processo de formação antes de haver ligações mais profundas da tecnologia com o processo ensino-aprendizagem” (SOUZA, 2000, p. 15). Mas como sugere Buzato (2001), cabe ao professor superar os obstáculos técnicos ou financeiros e incorporar as inovações tecnológicas em sua prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Internet faz hoje parte de nossa sociedade, inclusive no espaço escolar, e a educação não pode ignorar esta realidade. Este recurso põe à disposição possibilidades para aprendizagens inovadoras, permite a interação com pessoas das mais variadas culturas, possibilita o intercâmbio de diferentes visões e realidades e auxilia na procura de respostas para problemas, permitindo enfatizar que o espaço da sala de aula, não é a única fonte de informação para o aluno, nem pode suprir todas as suas necessidades.

Creemos que o espaço cibernético pode influir positivamente no processo de construção do conhecimento. No entanto, por um lado, é necessário relativizar as vantagens e as desvantagens do uso do computador nas aulas, já que como afirma Lévy (2000, p. 16), “nem a salvação nem a perdição residem na técnica” e, por outro, sua inserção no ambiente escolar depende não somente das instituições de ensino receberem computadores do governo, mas, principalmente, da inclusão tecnológica na formação acadêmica dos docentes, preparando-os para aproveitar as potencialidades que o computador e a Internet oferecem à educação.

Mesmo que o professor não disponha de recursos informáticos como o computador ou o acesso à Internet, sua aula pode tecer relações e reflexões sobre gêneros e textos diversos, pelo diálogo. Por outro lado, uma instituição escolar pode dispor de máquinas com acesso à rede, sem que seus docentes saibam como utilizá-las com fins pedagógicos.

A discussão não deve deter-se na falta de recursos informáticos nas instituições de ensino, mas avançar no sentido de encontrar possibilidades de melhorar a qualidade do ensino, empregando os recursos computacionais disponíveis, considerando todos os fatores envolvidos, sejam de ordem financeira, social, política, cultural ou pedagógica.

Concordamos com Guerra (2000, p.78) que o principal é capacitar os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para que aproveitem o computador como recurso pedagógico: “talvez a questão central esteja muito mais próxima de como preparar professores e alunos para utilizarem os computadores de uma forma que possa haver uma contribuição ao processo de ensino-aprendizagem”. Consideramos que, dessa maneira, pode-se mudar a realidade de que mesmo os colégios e professores que possuem acesso à Internet façam pouco ou nenhum uso das máquinas disponíveis no ambiente escolar e oferecer aos aprendizes condições de participar, efetivamente, da realidade digital na qual encontra-se inserida a sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS:

BUZATO, Marcelo El Khouri. Sobre a necessidade de letramento eletrônico na formação de professores: o caso Teresa. In: CABRAL, Loni Grimm et al. (orgs). *Linguística e Ensino: Novas Tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2001. p. 229-267.

GUERRA, João Henrique Lopes. *Utilização do computador no processo de ensino-aprendizagem: uma aplicação em planejamento e controle da produção*. São Paulo: USP,

Escola de Engenharia de São Carlos, 2000. 168 páginas. **Dissertação** do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção.

LÉVY, Pierre. **O Fogo libertador**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1994.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na Cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Internet & Ensino de Línguas**. Manaus, 2000.

VALENTE, J.A. & ALMEIDA, F.J. Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. N. 1, p. 45-60. setembro de 1997.

NOTAS

¹ Professora Assistente de Língua Espanhola e Coordenadora do Colegiado de Letras na Unioeste - Campus de Cascavel. Aluna do Curso de Doutorado em Letras Neolatinas na UFRJ. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

Recebido em 12/02/08.

Aprovado para publicação em 21/05/08.